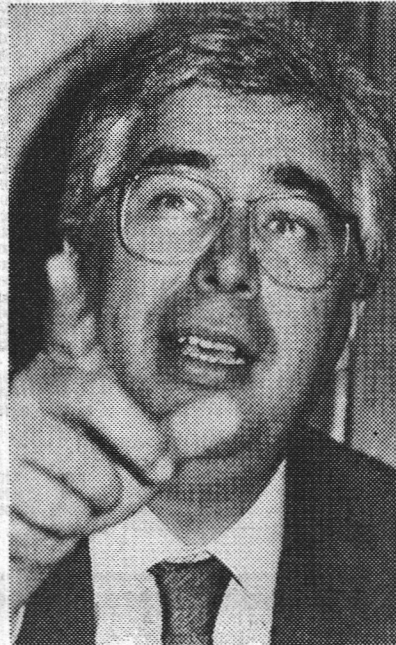


# Nova cruzada contra a recessão

## ● Governo, Fiesp e trabalhadores acertam a discussão de plano comum

SÃO PAULO — O governador do Estado de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho; o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato; e o presidente da Força Sindical, Luis Antonio Medeiros, decidiram ontem formar um grupo de trabalho para apresentar propostas concretas de redução dos efeitos da recessão para o Congresso Nacional e o governo federal. Amato saiu na frente, comprometendo-se a fazer um pedido aos empresários paulistas para que reduzam ao máximo as demissões até 8 de fevereiro, prazo estipulado durante a reunião para a apresentação da proposta — e quando termina também a garantia de emprego dos 500 mil metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, negociada em novembro no dissídio da categoria.

O governador Fleury assumiu a responsabilidade de convidar as outras centrais sindicais (CUT e CGT) e a prefeita Luiza Erundina para aderir ao grupo de trabalho, cuja primeira reunião acontecerá na próxima segunda-feira. E Medeiros amenizou o discurso: durante esse período, os sindicatos ligados à Força Sindical não farão greves. Na verdade, os metalúrgicos já tinham entrado em contato com o Grupo 19 da Fiesp — os representantes dos sindicais



**Fleury: grupo de trabalho**

dos patronais na mesa de negociação — e, como não sentiram muita receptividade para o pedido de prorrogação da estabilidade no emprego por mais 120 dias, já ameaçavam uma greve para o dia 8 de fevereiro.

J.C. Brasil — 26/4/91

“Não tenho essa força para impedir as demissões. O que vou fazer é um pedido para que elas sejam minimizadas ao máximo até 8 de fevereiro”, afirmou Amato, ressaltando que a ideia é mesmo de um entendimento entre capital, Estado e trabalho. “Não adianta ficar só com medidas de curto prazo que não resolvem nada.” Antes da reunião, o empresário deixou muito claro que as empresas estão em dificuldades e que considerava impossível a garantia de emprego. “Talvez o governo pudesse ajudar dilatando os prazos do pagamento dos impostos ou os bancos estaduais pudessem oferecer algum recurso. Desafio qualquer homem de bom senso a dizer que uma empresa em dificuldades financeiras possa arcar com juros de 35% a 40%.”

**Boa vontade** — Fleury não se comprometeu a dilatar os prazos, mas também não tirou as esperanças dos empresários. “Nós estamos dispostos, dentro da capacidade do Estado, a qualquer tipo de discussão”, afirmou o governador, que se comprometeu também a pedir apoio de governadores de outros estados. “Não se trata de mudar a política econômica do governo, mas de atenuar os efeitos da recessão.” Os sindicalistas saíram meio decepciona-

dos, mas não deram o braço a torcer. “Foi muito positiva a reunião porque houve receptividade dos empresários para que não ocorram demissões em massa”, disse Medeiros. “O Mário Amato é uma pessoa muito humilde. Um apelo dele, ainda mais na presença do governador, tem quase força de lei nas indústrias.”

Na verdade, os presidentes dos sindicatos dos metalúrgicos de Guarulhos e Osasco, Francisco Cardoso Filho e Claudio Cre, além do secretário geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Paulo Pereira da Silva, e Medeiros, foram para a reunião com a ideia de propor uma trégua nas demissões. Os empresários — Amato estava acompanhado de 10 empresários, entre eles Jacy Mendonça, que representa a indústria automobilística, e Pedro Eberhardt, em nome dos fabricantes de auto-peças — não tinham propostas, mas colocariam a questão dos impostos e dos juros na mesa. Como a ideia da trégua foi derrubada, o governador Fleury acabou com o impasse apresentando a proposta de formar mais um grupo de trabalho. “Se não der certo, toda tentativa é válida. E é só assim que eu entendo que caminhamos para retomar o crescimento com o menor prejuízo social”, concluiu Fleury.